



CORPOS EM CENA NAS METRÓPOLES GLOBAIS: MENINAS NEGRAS, PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO E CINEMA

Regina Marques de Souza¹

Reinaldo José de Oliveira²

Resumo: O artigo aborda a produção subjetiva e a identidade de meninas negras nas periferias de São Paulo, Paris e Nova York, a partir da consideração sobre o corpo enquanto complexidade multidimensional (história, cultura, simbolismos, psiquismo). O campo empírico da pesquisa foi realizado nas duas cidades mundiais (São Paulo e Paris). A metodologia consistiu na observação participante, etnográfica e entrevistas a partir da psicologia social materialista histórica. Os filmes *Antônia* (Brasil, 2007) e *Precious Jones* (EUA, 2009) serviram de apoio analítico. Em Nova York o campo empírico valeu-se exclusivamente da linguagem cinematográfica. Resultados: meninas negras em São Paulo, Paris e Nova York anunciam em suas identidades importantes revoluções e transformações da sociedade.

Palavras-chave: Cidade; Subjetividade; Gênero; Psicologia; Identidade.

BODIES ON THE SCENE IN GLOBAL METROPOLISES: BLACK GIRLS, SUBJECTIVATION PROCESSES AND CINEMA

Abstract: The article discusses the subjective production and identity of black girls in the peripheries of São Paulo, Paris and New York, from the consideration regarding the body while multidimensional complexity (history, culture, symbolism, psyche). The empirical field research was conducted in the two world cities (São Paulo and Paris). The methodology consisted of participant and ethnographic observation, and interviews from the historical materialist social psychology. The films *Antonia* (Brazil, 2007) and *Precious Jones* (USA, 2009) served as analytical support. In New York the empirical field exclusively used the cinematic language. Results: black girls in São Paulo, Paris and New York announced on their identities important revolutions and changes in society.

Key-words: city, subjectivity, gender, psychology, identity

CORPS EN SCENE DANS LES METROPOLIS GLOBALS : NANAS NOIRES, PROCESSUS DE SUBJECTIVATION ET CINÉMA

Résumé: L'article traite de la production subjective et de l'identité des nanas noires dans les périphéries de São Paulo, Paris et New York, à partir de la considération sur le corps comme

¹ Psicanalista, psicoterapeuta pelo Instituto de Estudos e Orientação da Família – INEF/SP, Mestre em Psicologia Social (PUC/SP), Doutorado em Cotutela, Colégio Doutoral Franco Brasileiro (CAPES/HESS/Paris e PUC/SP), Supervisora clínica em psicanálise, Coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisa em Psicanálise, Identidade, Negritude e Sociedade (NEPPINS/UFRB). Docente da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Docente do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade (Mestrado Acadêmico) da UESB – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

² Sociólogo, pós-doutor em Ciências Sociais (PNPD-CAPES), pesquisador, consultor e professor universitário.



complexité multidimensionnelle (histoire, la culture, symbolismes, psyché). La recherche empirique sur le terrain a été menée dans les deux villes du monde (São Paulo et Paris). La méthodologie a consisté de l'observation participante, ethnographique et interviews de la psychologie sociale matérialiste historique. Les films *Antonia* (Brésil, 2007) et *Precious Jones* (USA, 2009) ont servi de soutien analytique. A New York le domaine empirique obtenu exclusivement du langage cinématographique. Résultats: les filles noires à São Paulo, Paris et New York ont annoncé sur leurs identités importantes révolutions et changes dans la société.

Mots-cés: Cité, subjectivité, psychologie l'identité.

CUERPOS EN ENCENA EN LAS METRÓPOLES GLOBALES: NIÑAS NEGRAS, PROCESOS DE SUBJETIVACIÓN EN EL CINE

Resumen: El artículo trabaja con la producción subjetiva y la identidad de niñas negras en las periferias de São Paulo, Paris y New York, a partir de la consideración frente al cuerpo como complejidad multidimensional (historia, cultura, simbolismos, psiquismo). El campo empírico de la pesquisa fue desarrollada en las dos ciudades mundiales (São Paulo y Paris). La metodología constituyó en la observación participante, etnográfica y entrevistas a partir de la psicología social materialista histórica. Las películas *Antônia* (Brasil, 2007) y *Precious Jones* (EUA, 2009) han servido de apoyo analítico. En Nueva York el campo empírico se vale exclusivamente del lenguaje cinematográfica. Resultados: niñas negras en São Paulo, Paris y New York anuncian en sus palabras sus identidades importantes revoluciones y transformaciones de la sociedad.

Palabras claves: ciudad, subjetividad, género, psicología, identidad.

INTRODUÇÃO

O texto que se apresenta procura abordar a questão do movimento humano no solo das grandes metrópoles urbanas a partir das perspectivas da psicologia social, psicanálise e ciências sociais incluindo a história, a geografia e antropologia. Para tanto, observamos, a partir do ponto de vista etnográfico, o movimento dos corpos de jovens negras – meninas negras, sob o olhar dos fundamentos de estruturação emocional e intrapsíquica, os quais ajudam a formular componentes de inscrição de identidade.

Sob tal fundamento, realizou-se a análise do contexto socioantropológico das jovens negras a partir da perspectiva psicanalítica, amparada pela análise materialista histórica da psicologia social brasileira (*“Escola de São Paulo”*). Aliada à crítica materialista histórica no bojo das dimensões de estruturação psicoemocional e de formação/construção da identidade negra, utilizamos as referências da análise social e política do espaço geográfico.

O espaço, solo cidadão da metrópole, compreende uma significação política, administrativa, de gestão, uso e ocupação do território. Este, enquanto territorialidade,



compreende também a dimensão do humano, o movimento dos corpos humanos em direção a melhores condições de vida e trabalho.

A vida material e objetiva necessita do repouso – casa, habitação, para a reposição da energia gasta no trabalho e no lazer -, e também do trabalho – local de sustento imediato e possibilidades de projeção do futuro. Sob tais aspectos, elegemos os corpos das meninas negras para analisar este trânsito no espaço/lugar nas cidades metrópoles do capitalismo: São Paulo e Paris.

Ambas as cidades apresentam conformações semelhantes no que diz respeito ao trânsito dos corpos jovens, dos corpos negros e as formas de acolhimento ou rejeição desses corpos mediante políticas, acessos ao desenvolvimento das cidades metrópoles, violências, restrições e extermínios de possibilidades de encontro entre as zonas de ocupação da cidade por corpos diferenciados em sua conformação específica: corpos negros, corpos brancos, corpos híbridos (mestiços), incluindo também as dimensões de gênero e idade.

Paris e São Paulo são metrópoles globais. Paris é no cenário europeu referência em estudos e eixo difusor de cultura há vários séculos. Na atualidade, congrega, com outras localidades europeias, o polo da riqueza e do desenvolvimento como um todo. Embora a Europa na atualidade esteja sofrendo francas transformações em seu cenário de desenvolvimento social, Paris ainda é capital europeia da riqueza econômica, social e cultural do apogeu capitalista.

Apesar da tradição social democrata, enquanto marca histórica da França pós-revolução francesa, as dimensões sociais e econômicas sempre foram moldadas ao estilo de vida capitalista. Um forte regime de bem-estar social (*Welfare State*) vem ao longo dos anos decaindo em toda a Europa e principalmente na França, a qual foi uma das protagonistas no pós-guerra no fortalecimento do Estado em relação a recuperação da pobreza e miséria da população francesa através da garantia de acesso aos direitos civis.

É preciso considerar contudo, que a tradição socialista francesa está muito mais aliada a dimensão dos requisitos da República Civil enquanto princípios de igualdade, liberdade e fraternidade, responsáveis basicamente pela imagem diplomática do país em relação aos diferentes conflitos políticos e sociais no mundo contemporâneo do que propriamente um alicerce econômico e social interno para as “regras” de convivência social no cerne da vida e cotidiano francês.



Sendo Paris uma das referências de metrópoles do capitalismo europeu, São Paulo, no Brasil, é também a capital metrópole da América Latina. Uma grande e emblemática cidade que congrega em suas características as condições inerentes a sua grandiosidade: riqueza e pobreza, luxo e miséria, desenvolvimento e precariedades, acesso aos bens materiais capitalistas e exclusão total de uma grande maioria aos benefícios da cidade metrópole.

As grandes metrópoles do capital possuem em nossa atualidade tais circunstâncias de cultura material. Elas não são para todos; elegem seu público que poderá livremente transitar teatros, cinemas, museus e exposições culturais; seleciona aqueles que poderão ter passe livre na cidade e obter a luz de seu desenvolvimento grandioso.

Em geral, nestas cidades, falando principalmente de Paris e São Paulo, é através dos corpos e suas características físicas (anatômica) e psíquicas (identitária e política), enquanto cultura material que a circularidade destes corpos é vigiada e mediada por condições de limites e permissividades. Através de códigos morais e padrões de comportamentos psíquicos moldados na cultura, na tradição e historicidade. Sob tal condição procuramos construir e compreender o trânsito dos corpos jovens – jovens meninas negras – em cidades emblemáticas de uma territorialidade global: América Latina (São Paulo) e Europa (Paris).

Considerando que o mundo global eminentemente capitalista é formado principalmente pela premissa do modelo norte-americano (*american way of life*), a linguagem cinematográfica nos empresta a condição de discorrer sobre similaridades e diferenças (?) entre as formas como os corpos de jovens negras, circulam e transitam no espaço/lugar (territorialidades) das principais grandes cidades metrópoles do mundo.

Temos então a análise empírica da pesquisa etnográfica realizada em São Paulo e Paris, incluindo em São Paulo as dimensões da análise cinematográfica do bairro da Vila Brasilândia e a dimensão biográfica de quatro meninas negras protagonistas no filme *Antonia* (Tata Amaral, Brasil, 2007), e a análise biográfica e movimentos físicos e psíquicos do corpo – identidades – de jovens negras moradoras do bairro do Harlem, na cidade de Nova York, nos Estados Unidos, através das considerações que fizemos do filme *Precious* (Lee Daniels, EUA, 2009), baseado no livro *Push* (1996) da escritora norte americana Sapphire.



O livro que dá origem ao filme possui traços autobiográficos de Sapphire, e é permeado por histórias do tempo em que a autora foi professora de jovens e adultos que não sabiam ler no bairro do Harlem, na cidade de Nova York, nos EUA. Com este campo empírico possuímos enquanto análise as cenas dos corpos de jovens meninas negras nas metrópoles globais de São Paulo, Paris e Nova York.

A metodologia do trabalho inscreve-se pela qualidade epistemológica do campo da psicanálise e da psicologia social materialista histórica. Sob tais perspectivas o fundamento principal do argumento analítico é a condição de observar o cotidiano das jovens, seus corpos físicos em movimento na metrópole. Seja por linguagens itinerantes – a música, a fotografia, o desenho e o cinema – seja por linguagens etnoculturais – o corpo físico e psíquico em contato com a linguagem oral em entrevistas e situações dialógicas com a pesquisadora ou com seus pares (profissionais que trabalham com adolescentes e jovens em Paris e em São Paulo).

O período de trabalho no campo empírico envolveu diferentes momentos, nas cidades de São Paulo e Paris. E, os desdobramentos do percurso etnográfico a partir da análise psicanalítica e materialista histórica na psicologia social, embasada no eixo de discussão clássico da “Escola de São Paulo” – *identidade, metamorfose, emancipação* – produziu desdobramentos pautados em leitura igualmente psicanalítica e materialista histórica dos filmes *Antônia e Preciosa*.

Aliada a esta metodologia de trabalho temos também a análise de dados de pesquisas sobre a condição do jovem negro na cidade de São Paulo, os quais revelam que a população jovem e negra em São Paulo ocupa os primeiros lugares em analfabetismo, não escolarização, precariedades no acesso ao trabalho formal e residência distante do centro de desenvolvimento da metrópole.

Infelizmente, na cidade de Paris, os dados quantitativos não foram passíveis de análise, visto que há na França (em 2007) uma luta social que visa não realizar a computação destes dados, sob a justificativa que eles estariam contrariando os princípios da própria República Francesa de igualdade civil entre todos. Algo parecido com o mito da democracia racial no Brasil, temos em França o mito da República.

Percorrendo o trânsito das meninas negras na grande cidade metrópole do capitalismo brasileiro, observamos os territórios geopolíticos de como esta população encena seu protagonismo. As cenas dos corpos negros juvenis e femininos, além da análise histórico-social e psicanalítica, congregam aspectos quali-quantitativos das



dimensões de desenvolvimento social reservado às populações jovens e negras na cidade. Os territórios da pobreza e da riqueza, da cidadania e da não cidadania. A cidade escura e a cidade iluminada. E como os corpos das meninas negras se inscrevem (*mise en scène*) em suas dores, martírios, sofrimentos, alegrias, lutas, conquistas, vitórias e esperanças, diante destes territórios partidos.

“MISE EN SCÈNE”

O movimento e a dança dos corpos das jovens meninas negras nas metrópoles do capitalismo global demonstram que estas se inscrevem pela dimensão do olhar atento à vida, atento ao presente, ao futuro e também ao passado. Estas jovens não estão aprisionadas como alguns talvez interpretem na dimensão ideológica da vida do consumo e da dimensão materialista, que são os apelos emblemáticos da dimensão capitalista de nosso mundo ocidentalizado e contemporâneo.

Apesar de sofrerem influência direta deste apelo e configurarem-se em algumas estéticas que as direcionem para uma aparente total sintonia e adequação ao que lhes é proposto – imposto (as rupturas sociais, o detrimento do mundo da vida, das relações de amizade, de ajuda, de solidariedade, a espontaneidade a partir de trocas sociais fundadas no respeito e na igualdade), há a dimensão da desconfiança e da condição de vislumbrar que é possível posicionar seus corpos em outras direções.

Elas ainda não sabem ao certo qual direção posicionarem-se para produzir um espetáculo digno e autêntico das dimensões de seu porvir, na sua intuição, desejo e vontade de transformar-se e transcender-se, sob as óticas daqueles que capturam seus corpos. Seja na captura da restrição do acesso à vida mesma que todo jovem poderia ter: saúde, educação, cultura, habitação, lazer; seja na captura das lentes daqueles que deveriam protagonizá-las a partir da audição de seus fazeres – movimentos identitários.

Neste sentido, nas metrópoles globais, nem os algozes das cenas juvenis (a polícia, os aparatos judiciosos – no detrimento da movimentação espontânea dos corpos encapsulando-os em uma fricção mecânica e agressiva), nem os ideólogos – pesquisadores, estudiosos e cientistas (sociais, psicólogos, intérpretes da cena) são capazes de descortinar o que a cena mesma apresenta ou protagoniza. Nestas metrópoles, as jovens meninas negras são violentadas em seus percursos de vida e



surgimento identitário. Expostas estão à dimensão histórica e social de seu tempo de vida e existência em territórios de não cidadania.

Elas protagonizam um exército de bravos que ainda não se extinguiu e que se levanta a cada dia em toda ancestralidade, que se apresenta nas cenas, nas estéticas, nas formas de usos e costumes das roupas, estilos e corpos. Seus pais – ancestrais negros – percorreram na metrópole a saga da não existência, expulsos que foram de seus territórios de esperança e construção de liberdade.

Em São Paulo, os negros paulistas, no pós-Abolição, fruto dos engendramentos do capitalismo emergente, fundaram suas casas, seus imóveis, seus assentamentos, territórios do trabalho e do repouso, no centro da capital paulista. No Largo do Rosário, na Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos e seu cemitério. Neste chão metropolitano de uma cidade capitalista emergente que construíram, os negros alforriados, libertos e africanos livres vindos da costa da África, encenavam suas vidas nos territórios brasileiros, como (re)edição transformada de sua história e origem de protagonismo frente suas capacidades de desenvolvimento.

Eles, os negros libertos, africanos e forros, eram os donos da terra que construíram e edificaram no chão da metrópole paulistana. Homens e mulheres que estavam ali justamente onde tudo acontecia: no comércio, no trabalho, no lazer e na cultura; como engraxates, sapateiros, vendedores de verduras, frutas e quitutes nas quitandas alugadas pela Igreja do Rosário que pertencia à Irmandade do Rosário dos Homens Pretos. No “footing” aos finais de semana na rua Direita, no prenúncio do samba paulista com seus bandolins, violões e cavaquinhos.

As mulheres, jovens moças do século XIX, lavavam, passavam, vendiam seus bolos e quitutes nas ruas da cidade – geleias, frutas, hortaliças, legumes, batata doce, milho verde cozido, pamonha, cuscuz de camarão de água doce e peixe frito - cuidavam de crianças, suas e de outros e favoreciam e construíram a economia e riqueza emergente da capital paulistana. A ancestralidade negra foi a mão que edificou, em São Paulo, a riqueza do capitalismo brasileiro, em função de ser São Paulo a primeira economia do país.

Não estamos falando apenas da cena cotidiana histórica brasileira, do uso dos corpos negros nas lavouras de café e açúcar no cenário paulista e outras culturas no território nacional e internacional. Discorreremos agora principalmente sobre as marcas do trânsito de corpos negros nas cidades. Como a ancestralidade negra protagoniza a



psique e a identidade das jovens meninas negras no solo citadino da metrópole cosmopolita.

Ancestralidade esta que pode ser resgatada pelo percurso e itinerário destes negros, que por força e resistência conseguiram, após a apropriação indébita de um Estado racista e conservador das elites brancas paulistas da área de propriedade dos negros, africanos e forros – o Prefeito Antônio da Silva Prado – uma área menor para a nova implementação de sua Igreja. Embora, o que lhes foi trocado enquanto justo foi extremamente inferior à área geográfica que a população negra em São Paulo havia construído e valorizado ao seu entorno.

Em troca pelo espaço de construção da vida e território da esperança dos negros, africanos brasileiros na cidade de São Paulo, Largo da Igreja do Rosário, a Praça, o Cemitério, a Fonte de água potável – o chafariz – e as casas no entorno da Igreja, as quais serviam de prédios alugados, para comerciantes brancos da época³, a renda utilizada inicialmente na compra de alforria de irmãos escravos e posteriormente para habitação, ajuda e sustento das dificuldades inerentes aos ex-escravos africanos e africanos brasileiros - foi oferecida pela prefeitura uma área menor em proporção e em qualidade – O Largo do Paissandu: local de brejo, onde haviam plantações de chá. Ali seria erguida novamente a sede da Igreja da Irmandade Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, com a proibição expressa do poder público municipal de erguer o formato das antigas habitações coletivas e o cemitério local (Amaral, 1988, p. 23).

Reduzida a cena de seus corpos no espaço e território da cidade, os afro-brasileiros procuraram movimentar-se para não extinguirem-se na construção de outros novos territórios. Protagonizando novas incursões nas cenas da relação de seus corpos com a metrópole. Seus movimentos e seu trânsito foi e ainda é empurrado com violência para longe da cena da riqueza. A metrópole rejeita aqueles que a fez crescer e brilhar em sua virtuosidade. Ela coloca para além da cena observável a presença dos corpos indesejáveis, dos corpos que não correspondem aos ideais de uma sociedade que se estrutura a partir de premissas europeias, brancas.

³ O Restaurante Fazzano, uma das mais bem sucedidas redes de restaurantes paulistas, sucesso inclusive atualmente em outros estados brasileiros, teve seu primeiro restaurante (o italiano Irmãos Fazzano) sediado no Largo do Rosário, justamente no prédio alugado pelos proprietários negros da Irmandade do Rosário de São Benedito dos Homens Pretos, os quais posteriormente seriam desapropriados de seus bens pelo poder público municipal, que destruiu todas as edificações dos Pretos do Rosário, preservando unicamente - o prédio em que os italianos Fazzanos alugavam o movimentado ponto comercial.



Os corpos negros, força de trabalho, usos e abusos importantes na evolução econômica do capitalismo das metrópoles, são extirpados de sua utilidade. Desejam, os detentores do poder decisório formal da sociedade, não apenas a extinção de seus sentidos e significados plantados e impressos por seus corpos nas cenas e territórios da cidade, mas o extermínio mesmo de sua carne. E é assim que a inscrição de seus corpos nas cenas da cidade metrópole não se apaga e se reedita nos corpos em cena de seus filhos, netos, bisnetos, gerações posteriores.

As meninas negras das metrópoles globais, tanto em São Paulo quanto em Paris, encenam seus corpos com a mesma dor e luta de seus antepassados. Elas transitam pela cidade não com a mesma versatilidade de seus avós e pais, que saídos das senzalas, estavam próximos dos núcleos de desenvolvimentos citadinos de um mundo bem próximo e pequeno. As jovens meninas negras, em seus corpos de vida e sonhos afetivos, emocionais, psíquicos – oníricos – e de esperanças, andam muito, atravessam longas e grandes distâncias. O que elas têm em comum com os seus antepassados é, além do percurso longo e árduo da diáspora, dos movimentos de territorialização e desterritorialização, a condição de transitarem de um lugar a outro e refazerem seus caminhos de sentidos.

As jovens meninas negras refletem sonhos de um idílio comum a jovens de todas as épocas: a esperança, a transformação, a liberdade. Em seu recorte de gênero, não procuramos fazê-lo propositalmente. Apenas durante a focalização das cenas dos corpos dançantes nos percursos das imensas metrópoles, elas que se deixaram focalizar. Foram elas, as meninas, que encontraram e permitiram nossa focalização. Estas foram, durante os meus itinerários percorridos nas metrópoles,

se tornando cúmplices da lente. Inevitável. “Se me movesse alguns milímetros para a direita ou para a esquerda, ou se por sua vez o rosto se movesse, a visão se desmontaria, o rosto se dissiparia”. Nesta frase, enxerto do texto *O único rosto*, Hervé Guibert (1984) declara, como nesta cena, o momento em que o fotógrafo e fotografado se colocam em uma mesma sintonia (Camargo, 2006, p. 3).

Estar com as jovens meninas negras foi o percurso do itinerário da autora. Elas me encontraram e eu as encontrei no local e no lugar mesmo onde estavam. Puderam falar em São Paulo e Paris, da distância da periferia da metrópole. Da vida diferente, do acesso à educação, a cultura e o lazer. Da falta de equipamentos sociais na periferia para



melhores aprimoramentos das crianças e dos jovens. Das dificuldades do acesso ao mercado de trabalho, principalmente quando se reside distante do centro.

Que o centro e a cidade iluminada da metrópole não são para todos. A cidade Luz - Paris – é escura e ainda mais fria no contexto da periferia. Elas marcham todos os dias, para o trabalho ou o estudo para as proximidades do centro. Provam das bordas da riqueza que a cidade ostenta. Mas não participam plenamente do banquete como gostariam. Elas têm sonhos de ver um mundo melhor, para si e para os outros também.

As meninas de São Paulo, referem que o trânsito de seus corpos entre a metrópole e a periferia é entrecortado por estigmas, violências, desprezo, cansaço, diferenças, desilusões. Dizem que o jovem da favela vive em um mundo à parte, alienado em seu universo. Expõem que é importante o esforço para sair deste mundo, mas não há oportunidades para os jovens que residem nos territórios da pobreza, longe das luzes sedutoras da metrópole. Estas jovens acreditam que o apoio social seria importante para que os talentos dos jovens da periferia fossem percebidos e que pudessem ser aceitos como pessoas valorosas para o contexto da vida como um todo.

Mas hoje há muito preconceito em relação a quem mora na periferia, referem. O trânsito na cidade metrópole é de hostilidade entre os que pertencem à cidade iluminada e os que querem ou procuram a ela pertencer. Um trecho das cenas de seus corpos na metrópole:

Há um muro que separa a favela da cidade. Não é fácil romper este muro. Ele precisa ser rompido, mas os jovens tem muita...muita, é... dificuldade. É difícil. Há discriminações e não há oportunidades. Por isto aqui é um lugar de sofrimento, de fome, de coisas difíceis. A vida não é fácil. Por outro lado você abre a janela e dá de cara com a janela do vizinho. Tudo é muito próximo. Viver na favela é bom, mas é preciso ter cuidado... (Jovem negra, 19, moradora da Favela do Icarai, Vila Brasilândia).

As meninas negras sonham com família, ajudar suas mães, francas trabalhadoras, solitárias em geral, sem seus companheiros sustentam lares e as crianças. Sabem que na favela podem contar às vezes com as pessoas. Mas é também uma sociabilidade que precisa ser cuidada, vigiada, preservada. Não se sabe ao certo, mesmo com a proximidade entre vida privada e vida do cotidiano quem são amigos e com quem não se pode contar em nenhum momento.

O cotidiano da favela, a cena dos corpos na metrópole, pois que a favela é uma extensão plena da metrópole que em sua riqueza quis apartar determinados membros do



núcleo de poder e espaço, é representação da tensão e das formas de sociabilidades urbanas inscritas no itinerário dos corpos na metrópole.

A jovem expressa que viver na favela é inspiração e aconchego – a proximidade das janelas, a intimidade compartilhada, mas também, em algumas circunstâncias resvalada, invadida, por pessoas que nem sempre são próximas do ponto de vista das relações de confiabilidade e segurança afetiva, emocional e social.

A cena e o itinerário dos corpos das jovens negras na cidade revelam as defasagens da metrópole, as incongruências, a pobreza, a fragmentação de progresso e desenvolvimento. O cotidiano dos corpos entre a periferia e a cidade revela o coletivo degradado que é a própria cidade. Na sua partilha mal formulada e desigual do território. A pobreza apartada da visibilidade da metrópole. Mas as precariedades, mesmo que aparentemente invisíveis, exercem força, movimento, tensão na circularidade da metrópole, tornando-a complexa, rica em instabilidade e contingências.

A cena dos corpos das jovens negras se dá pelo tempo que elas realizam seus percursos, itinerários de angústias, enfrentamentos, no deslocamento até o precário acesso à escola da qual muitas vezes desistem, do deslocamento da vida mal preparada da escola para o trabalho que também as recebe como sujeito de menos valia. A escola e o trabalho enquanto fontes de uma mesma posição de encarceramento de vidas e identidades moldadas para a submissão e o conformismo. Na vida prática do cotidiano duro do labor de seus corpos, as jovens negras interpretam seu tempo, de modo particular, a partir da classe social e da própria história.

Na velocidade das cenas e dos corpos que adentram as artes velozes das cidades (periferia e metrópole), há grande aprendizado para os corpos psíquicos e simbólicos das jovens meninas negras. A aprendizagem se dá não apenas na interpretação de seus corpos mediatizados na vida e luta cotidiana de existências práticas e objetivas. Neste aspecto elas apreendem o tempo com precisão e formosura, e dão conta de viver seus enredos conforme as possibilidades imediatas. Mas, além disto, estas jovens reservam a interpretação da cidade a partir das insígnias de seu pertencimento histórico e cultural, da ancestralidade que marca a presença de seus passos – de seus pais e avós – pelo longo percurso de construção e acesso à cidade metrópole.

Então, na grandiosidade de São Paulo e Paris, as jovens meninas negras sabem que



A cidade é o lugar em que o Mundo se move mais, e os homens também. A co-presença ensina aos homens a diferença. Por isso, a cidade é o lugar da educação e da reeducação. Quanto maior a cidade, mais numeroso e significativo o movimento, mais vasta e densa a co-presença e também maiores as lições e o aprendizado (Santos, 1998, p. 83).

Sonham com o casamento, mas o casamento de seus pais. Com um jovem que as ame, que as ajude a trilhar o filme de sua felicidade genuína: “Casar? Ah!, Sim. Eu quero me casar. Ser feliz” (jovem magrebina, 16 anos, Paris). Transitando pela metrópole elas acreditam – imaginam - que a *cidade centro* é perfeita. O lugar onde a comunidade melhor se representa.

Nesse sentido a noção de comunidades imaginadas, para Stuart Hall, é central

não apenas para seus povos, mas para as artes e culturas que produzem onde um “*sujeito imaginado*” está sempre em jogo. Onde começam e terminam suas fronteiras, quando regionalmente cada uma é cultural e historicamente tão próxima de seus vizinhos e tantos vivem a milhares de quilômetros de casa? (Hall, 2003, p. 26).

Na cidade há mobilidade, fluxo dos carros, demarcação da presença da estrada que aponta para diferentes direções. Mas na favela, o único movimento é o da permanência, da eterna tempestade, da mesmice, que encarcera a identidade dos sujeitos como estática e congelada. A identidade na favela/periferia em seu trânsito e comunicação com a cidade metrópole, é de difícil construção, pautada por forte discriminação, não apenas representada pela questão de ser negro, mas pela questão de ser também favelado.

Os corpos em cena nas metrópoles globais das meninas negras apresentam uma identidade dividida entre a dura realidade da existência compartilhada no interior da favela e também no universo da cidade imaginada. Do acesso à participação no mundo do trabalho e das oportunidades – mobilidade. Estes corpos fazem o trajeto da periferia à rua asfaltada da cidade, percorrem o contorno da cidade. Encerram-se, por vezes, nas periferias, mas seus núcleos de vida e de pensamento – reflexões e desejos – transitam e dançam na luminosidade da metrópole, em sua riqueza e fascínio.

Os corpos e movimentos das meninas negras denotam que metrópole e periferia são territórios de limites fronteiriços. Há continuidade dos passos e percursos de seus ancestrais que ano a ano foram levados a construir novos territórios de vida, seja no morro da favela, na periferia, seja nos cortiços e nas ruas do asfalto maltratado das metrópoles.



Processos subjetivos que transitam no limite de construção de identidade, ligando passado, presente e futuro, procurando significados de vida entre o território da exclusão e da fome com o território do poder e da oportunidade. Os corpos em cena, em seus processos de subjetivação, constroem na realidade e imaginariamente, um sentido de sua vida na história. Sob tal perspectiva, este pôr-se em cena – inscrever seu corpo sobre o solo da metrópole – a qual compreende território rico e territórios da exclusão – é um gesto forte e lúcido de grande transformação.

Transitando na copresença, elas aprendem a diferença, percebem que podem obter condições de subverter a ordem sistêmica dos mesmos gestos, e fazer para si e para seu grupo imediato - a família, os filhos, os sonhos particulares -, uma grande força de boas vivências. Enfrentando seu enredo, não se subjugando perante o contexto que quer encerrá-las em insignificância e invisibilidade, mas que se fortalece na copresença da diferença entre pares que se encontram no percurso translúcido da cidade – espaços opacos que são, na verdade, cheios de luminosidade: solidariedades.

As grandes cidades, mesmo com os acessos cheios de interditos, favorecem os corpos das jovens negras em seu itinerário, grandes vislumbres de esperanças, construídas pelas inscrições na psique de seus antepassados. Martirizados e expulsos da riqueza central da cidade que engendraram com suas próprias mãos e suor de seus rostos, as mulheres e homens negros da cidade de São Paulo, bem como os africanos vindos à Paris para trabalhar no importante processo de industrialização da França, bem como a convocatória aos jovens africanos das colônias francesas pelo general De Gaulle, para fazerem parte das forças armadas na Resistência Francesa por ocasião das guerras mundiais, deixam no solo citadino da metrópole a herança de suas lutas e enfrentamentos.

Sua morte e martírio não foram em vão, pois que a sociabilidade urbana, na vivência da copresença das meninas (e meninos também), ensina a eles que há mudanças na perspectiva do tempo dos poderes do mundo. Estes e estas jovens aprendem com rapidez as formas de resistência e lucidez dos usos históricos que se fizeram da população da qual descendem. E, ao fazerem tal interpretação, preparam-se para modificar a ordem dos acontecimentos.

Tanto em Paris como em São Paulo, os movimentos sociais juvenis demonstram querer espaço, participar das demandas e das divisões de poder. Tais movimentos se expressam, dizem o que querem. Sua identidade, a cena e o movimento de seus corpos,



é uma questão histórica de origem múltipla e diversa, de vários povos e contextos. As expressões juvenis do contexto periférico dialogam com a diferença, refletem sobre questões de diversidade e alteridade.

As adolescentes negras nas cenas das metrópoles investigadas são filhas dos expropriados da terra, arrancados de sua história. Eles pertencem e provém de diferentes origens, em sua maioria negros e mestiços, mas comportam a diversidade das populações secularmente exploradas, massacradas, violentadas, subjugadas.

A questão urbana e a segregação espacial e racial são a manutenção desta condição de violência, de não lugar, de tentativa de genocídio. Ainda assim, as jovens negras das periferias realizam diálogo importante com a comunidade. Como as protagonistas – meninas negras - do filme *Antonia* e a garota negra *Preciosa* de Lee Daniels, elas recriam seus universos, são portadoras de novas saídas para as dificuldades vividas: a música, a dança, o *rap*, *hip-hop*, a leitura, a escrita, os desenhos – das meninas paulistas e francesas - e o “*slam*”, na França (Oliveira, 2008, p. 209).

A jovem *Preciosa*, protagonista do filme com traços autobiográficos da autora – uma artista e escritora negra que viveu por dez anos no Harlem em Nova York ensinando jovens e adultos a ler e a escrever, é a linguagem do corpo de muitas das jovens das periferias paulistas que observamos. Não apenas no sentido da violência que sofrem em sua carne e corpo físico, mas da violência histórica e social – perpassada e transfigurada pelo contexto familiar –, que diz respeito à segregação socioespacial da metrópole e, também, racial (Oliveira, 2013, p. 90).

A arte e a linguagem ficcional cinematográfica em *Antonia e Preciosa* representam em cena – *mise en scène* – o movimento dos corpos que não é apenas um constructo físico-anatômico. Mas uma dimensão complexa que envolve estruturação subjetiva e processos de reconhecimento de percursos identitários, em diálogo estreito entre indivíduo e sociedade, relações objetivas e subjetivas, singular e plural (Oliveira, 2008, p. 123). O corpo, ou a imagem corporal eroticamente investida, é um dos componentes fundamentais na construção da identidade do indivíduo, dependente em grande medida da relação que ele cria com o corpo (Costa, 2005, p. 87).

A linguagem do cinema documentou e apreendeu as dimensões vividas pela realidade dos sujeitos da pesquisa em Paris e em São Paulo. As convergências, similaridades e semelhanças são de grande sintonia. Em *Antonia*, o significado do nome



do filme é uma homenagem das jovens aos seus avós, cujos nomes dos avôs de todas elas era Antônio.

A cineasta Tata Amaral em 2007, em Paris, quando foi premiada no festival de filmes brasileiros naquela metrópole foi arguida pela pesquisadora sobre o fato do nome dos avós das personagens ser um elemento ficcional ou verídico. A cineasta informou que o dado da cena do filme era verídico – a homenagem que as meninas negras fazem a seus avós colocando o nome do grupo musical de rap *Antonia*. Isto causou à ela, cineasta, certa admiração por parte da história das protagonistas do filme que, assim como *Preciosa*, mistura ficção com realidade.

Por tal admiração, Tata Amaral resolveu, assim como as jovens meninas negras na cena de seus corpos na metrópole paulista, dedicar o filme *Antônia* a seu avô. O significado – corpo imaginário e psíquico das meninas negras – desta reverência das moças, que compactua a própria cineasta na cena mesma do protagonismo, aos pais mais velhos – os avós –, é a mensagem da cosmologia africana presente no cotidiano dos negros brasileiros.

Os passos das cenas dos corpos na metrópole, pelos antepassados das meninas negras, como por exemplo, a expropriação dos negros da Irmandade do Rosário, passa a ser a recriação da força de sustentação identitária das jovens meninas negras. Elas recriam seu imaginário superando contextos imediatos e objetivos, fazendo a interpretação da cidade e do trânsito da velocidade aprendem os códigos da copresença. Observam, participam, aspiram e pensam. Elas posicionam-se para além da cena. Em lugar e espaço onde só o artista pode conceber e explorar, porque só ele possui a maestria do encontro da vida subjetiva com o “*encenamento*” concreto do uso do espaço.

Precious Jones salvou-se pelo acesso à educação formal. Além da presença inscrita em sua psique negra – a ancestralidade da diáspora representada pela avó materna (a mesma ancestralidade dos avós de Antônia), bem como os negros Irmãos Pretos do Rosário em São Paulo enquanto fio de ligação ancestral – cordão umbilical - das meninas negras paulistas, e os africanos combatentes na Resistência Francesa durante as guerras mundiais; pontes de encontro entre as jovens francesas e seus *griôts*.

Pela habilidade fundamental da leitura e da escrita – leitura de mundo e inscrição da vida – Precious Jones funda e fortalece sua identidade de pessoa humana, capaz de transgredir a ordem que lhe foi secularmente imposta, para inserir-se e projetar-se, a



despeito de seus infortúnios e descaminhos não buscados, como sujeito e autora (atriz) de si mesma. Cunhando o seu enredo e interpretando sua cena, a atriz encena: não o roteiro a ela fixado, como um mero personagem do enredo. Ela é a própria luz da peça. Não é apenas personagem, mas cria o roteiro de sua própria existência, vivência, experiência. Com as dores e alegrias de ser por si. A educação formal – a leitura e a escrita – salvou Precious Jones. Assim como coloca as meninas negras parisienses em melhores condições formais de falar sobre suas necessidades para formulação de identidades políticas e individuais.

O diálogo entre os três cenários de mundos nas metrópoles globais (São Paulo, Paris e Nova York) se inscreve na convergência das circunstâncias. E, Preciosa, assim como Antônia são meninas jovens negras de todos os mundos da contemporaneidade planetária. Felizmente elas, as meninas negras, as que se deixaram fotografar – os meninos não o fizeram –, representam também o protagonismo das mulheres negras: pioneiras no fazer da casa, da rua, da vida e da família. Amparando seus filhos, seus pais, seus amigos e seus esposos. Boas e valorosas meninas. Estas fortes mulheres negras.

Em *mise en scène*, expressar uma cena, uma emoção, um estado através de um corpo – estética e/ou imagem, no cinema, é algo que talvez pretenda ser concreto – pode ser congelado, reprisado e, portanto, eterno. Mas, assim como o movimento dos corpos, toda imagem é em si fugidia, não apreensível, não aprisionável, veloz e não capturável. Ela evade, foge, nos deixa atônitos, com visões incalculáveis de sentidos. As cenas e as imagens são poderosas porque não fecham ciclos, mas anunciam transformações quando fragmentos são por segundos breves capturados.

Assim são as forças dos corpos das meninas negras em suas construções de identidades nas metrópoles globais do capitalismo: ensaiam golpes decisivos de revoluções emergentes. Elas, como todo bom discípulo – aprisionadas que estão ao colo ancestral materno da diáspora - aprendem a superar primeiro a si mesmas. A identidade – os corpos em cena nas metrópoles – das meninas negras amplia-se a partir da “zona de contato”. Expressão que compartilho com Milton Santos (1998, p. 84), a dimensão da copresença, do aprendizado da diferença na sociabilidade urbana. No sentido de que a zona de contato é a “co-presença espacial e temporal dos sujeitos anteriormente isolados por disjunturas geográficas e históricas cujas trajetórias agora se cruzam” (Hall, 2003, p. 30).

É o “*Griôt*”⁴ que acalenta sua marca individual e coletiva, o processo de engendramento da memória e transmissão cultural transgeracional, que funda o movimento de seus corpos no mesmo chão do passado de seus avós – antepassados/ancestralidade –, que é também novo e diverso, um outro lugar. A cidade é nova, o tempo é outro, e no tempo dos corpos das jovens meninas negras, a cidade está *num outro lugar*. E neste *outro lugar*, de mobilidade espacial, as meninas – seus corpos, suas identidades – se fortalecem, se recriam no reino imaterial da liberdade. Por isso, as jovens comuns da periferia acabam por ser “mais velozes na descoberta do mundo, seu comércio com o prático- inerte não é pacífico, não pode sê-lo, inserido que estão num processo intelectual contraditório e criativo” (Santos, 1998, p. 85)

CONCLUSÕES

As cenas que vislumbramos e as identidades multiplicam-se e fortalecem-se. Força de incursão fundamental para a superação da barbárie. As meninas, jovens que são, sempre nos escapam. Como a cena, *mise en scène*, em perfeição não pertence ao cineasta. A imagem, o corpo, é um fragmento e seu nível de alcance é o infinito.

As meninas, jovens mulheres, estão em marcha. Nossa ótica e nossas câmeras as escapam. Elas fogem. Não as vemos. Como Ewá⁵ elas se desvencilham misteriosamente de tudo. Escorregam de nosso enquadre pois conjugam o conhecimento seguro em florestas nunca exploradas, desvendando os enigmas das constelações de estrelas nos cosmos da vida ao cair da tarde. Surpresas.

Também como Nanã⁶, elas têm os segredos antigos da vida na Terra. Por enquanto elas são jovens. Então elas ainda os interpretam. Poderosas Deusas Mulheres. Mas como jovens - bonitas mulheres - dão mostras, em um lance, da exuberância de seus corpos – identidades dos “*de baixo*” que se firmam.

⁴ Ancestral e arauto negro africano que guarda em suas canções e conhecimentos a história, origem e transmissão da cultura de um povo. Para usar a expressão de Hamadou Âmpaté Bâ: “*Quando um griôt morre, é uma imensa biblioteca que se queima*”.

⁵ Deusa Orixá jovem. Protetora das meninas moças, jovens e virgens. Seu local de presença são as matas e florestas virgens e também o início do dia – a luz rosa da aurora – e o final da tarde, ao cair da noite. Orixá misteriosa, representa o enigma das estrelas, dos espaços e suas constelações. Vidente, detém o poder, concedido por gratidão de Orunmilá, o criador do oráculo de Ifá, a ter acesso aos profundos mistérios dos cosmos e dos destinos dos seres. Hábil caçadora ela está nos lugares que o homem não alcança, onde só a natureza e os deuses se manifestam (Eyin, 2000, p. 189).

⁶ A mais antiga das divindades das águas, representa a memória ancestral de nosso povo; é a mãe antiga por excelência. Nanã, como divindade suprema sintetiza a origem da criação do mundo, a morte, a fecundidade e a riqueza (Eyin, 2000, p. 134).

Émeutes⁷: forças revolucionárias sociais e individuais que se anunciam. Novos tempos! Mundo novo!

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Raul Joviano do. *Os pretos do Rosário de São Paulo*. São Paulo: Scortecci Editora: 1991.
- EYIN, Pai Cido de Òsun. *Candomblé – a panela do segredo*. São Paulo: Mandarin: 2000.
- CAMARGO, Denise Conceição Ferraz de. *Identidade negra e mestiçagem no Brasil: uma reflexão sobre o processo da fotografia das heranças compartilhadas*. Disponível em: www.studium.iar.unicamp.br/26/06.html. Acesso em 01 de novembro de 2013.
- COSTA, Jurandir Freire. *Violência e Psicanálise*. Rio de Janeiro: Graal: 1986.
- HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG: 2003.
- MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. Petrópolis: 1999.
- OLIVEIRA, Regina Marques de Souza. *A identidade de jovens negros nas metrópoles urbanas: recortes entre São Paulo e Paris*. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). São Paulo, SP, 2008.
- OLIVEIRA, Reinaldo José de. *A cidade e o negro no Brasil: cidadania e território*. São Paulo: Alameda Casa Editorial: 2013.
- SANTOS, Milton. *Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico científico informacional*. São Paulo: Hucitec: 1998.

Recebido em setembro de 2014

Aprovado em janeiro de 2015

⁷ Motim: Manifestação juvenil nos subúrbios parisienses em 2005 que demonstraram ao mundo as grandes desigualdades sociais e situações de exclusão na França. Jovens negros franceses, em sua maioria, colocando em cheque e requerendo a efetivação do acesso aos pilares da República Francesa de Igualdade, Liberdade de Fraternidade.